



IMS

cinema  
fev.2024

*Levante*, de Lillah Halla  
(Brasil, França, Uruguai | 2023, 99', DCP)



## destaques de fevereiro de 2024

Uma escritora de sucesso é a principal suspeita pela morte do marido, um escritor frustrado. Uma mãe tenta entender por que seu filho volta da escola com machucados e comportamentos estranhos. Uma jogadora de vôlei de 17 anos tem a carreira no esporte posta em risco por uma gravidez indesejada. *Anatomia de uma queda*, *Monster* e *Levante* foram premiados no último Festival de Cannes e chegam aos cinemas brasileiros.

No fim das férias, dois filmes de animação para crianças de todas as idades. O chileno-brasileiro *Nahuel* e o livro *mágico* acompanha o filho de um pescador que se torna alvo de um perigoso feiticeiro e precisa enfrentar seus maiores medos. No francês *A viagem de Ernesto e Celestine*, os dois amigos unem esforços em defesa da música, que foi proibida no país dos ursos.

Em seus dois últimos filmes finalizados em vida, Eduardo Coutinho revisita os personagens de *Cabra marcado para morrer* 30 anos após a conclusão do documentário. A programação que homenageia o cineasta apresenta ainda sua produção como crítico de cinema e uma de suas referências enquanto espectador: *Ao caminhar entrevi lampejos de beleza*, de Jonas Mekas.

Em 2020, a mostra em homenagem ao ator Kirk Douglas foi interrompida com o fechamento do IMS Poços devido à pandemia de covid e posterior reforma. Reaberto e com nova sala de cinema, a mostra é encerrada com a exibição do épico *Spartacus*, de Stanley Kubrick.

[imagem da capa]

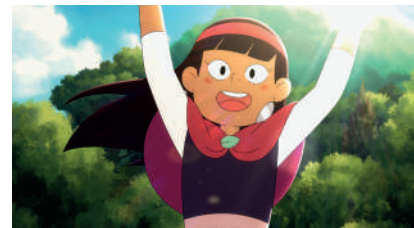
***Ao caminhar entrevi lampejos de beleza (As I Was Moving Ahead Occasionally I Saw Brief Glimpses of Beauty)*, de Jonas Mekas** (EUA | 2000, 288', DCP)



***Monster (Kaibutsu)*, de Hirokazu Kore-eda** (Japão | 2023, 126', DCP)



***Spartacus*, de Stanley Kubrick** (EUA | 1960, 197', DCP)



***Nahuel e o livro mágico (Nahuel y el libro mágico)*, de Germán Acuña** (Chile, Brasil | 2020, 97', DCP)

## filmes em exibição

### Em cartaz

***Anatomia de uma queda***

*(Anatomie d'une chute)*

Justine Triet | DCP

***Levante*** | Lillah Halla | DCP

***Monster*** *(Kaibutsu)*

Hirokazu Kore-eda | DCP

***Propriedade***

Daniel Bandeira | DCP

### Coutinho 90

***A família de Elizabeth Teixeira***

Eduardo Coutinho | Arquivo digital

***Sobreviventes da Galileia***

Eduardo Coutinho | Arquivo digital

***Ao caminhar entrevi lampejos  
de beleza*** *(As I Was Moving Ahead*

*Occasionally I Saw Brief Glimpses  
of Beauty)* Jonas Mekas | DCP

### Especial Infantil

***A viagem de Ernesto e Celestine***

*(Ernest et Célestine, le voyage en  
Charabie)* Julien Chheng e Jean-  
Christophe Roger | DCP

***Nahuel e o livro mágico***

*(Nahuel y el Libro Mágico)*  
Germán Acuña | DCP

### Homenagem a Kirk Douglas

***Spartacus*** *(Spartacus)*

Stanley Kubrick | DCP

## sexta

**2**

---

**19:00** A viagem de Ernesto e Celestine (81')

**9**

---

**19:00** Anatomia de uma queda (152')

**16**

---

**19:00** Monster (126')

**23**

---

**19:00** Levante (99')

## sábado

**3**

---

**16:00** Nahuel e o livro mágico (97')

**19:00** Anatomia de uma queda (152')

**10**

---

**16:00** Nahuel e o livro mágico (97')

**19:00** Propriedade (101')

**17**

---

**16:00** Nahuel e o livro mágico (97')

**19:00** Monster (126')

**24**

---

**16:00** Levante (99')

**19:00** Monster (126')

## domingo

**4**

---

**16:00** A viagem de Ernesto e Celestine (81')

**19:00** A família de Elizabeth Teixeira +  
Sobreviventes da Galileia (93')

**11**

---

**16:00** A viagem de Ernesto e Celestine (81')

**19:00** Anatomia de uma queda (152')

**18**

---

**16:00** Ao caminhar entrevi lampejos de beleza (288')

**25**

---

**16:00** Levante (99')

**19:00** Spartacus (197')

**Programa sujeito a alterações. Eventuais mudanças serão informadas em [ims.com.br](http://ims.com.br).**

# Eduardo Coutinho: crítico e espectador

Thiago Gallego

[Este texto exhibe as duas sequências de *Cabra marcado para morrer*, de Eduardo Coutinho, e o longa *Ao caminhar entrevi lampejos de beleza* (2000), de Jonas Mekas]

No final dos anos 1960 e início dos 1970, Eduardo Coutinho dirigiu *Faustão*, seu segundo longa-metragem de ficção. O filme fazia parte de um projeto da produtora Saga Filmes, de Leon Hirszman e Marcos Farias, que visava a realizar quatro longas-metragens de cangaço: todos rodados no Nordeste, mesma equipe, mesmo elenco, quatro diretores diferentes. A produção foi marcada por uma série de problemas. Com salários atrasados, parte da equipe fazia greve já no início da filmagem. “E depois aconteceu que *Faustão* foi mal de bilheteria”, comenta o diretor em entrevista a José Marinho de Oliveira. “Eu não tinha condição de sobreviver em cinema. A Saga Filmes faliu, e eu acabei não recebendo um tostão pelo filme, nem os 10% da renda do filme, como diretor. Enfim, eu me casei nessa época com uma moça de Fazenda Nova, tive filhos. Optei por abandonar o cinema como profissão. Fui para o jornalismo, que eu já tinha praticado muitos anos antes.”<sup>1</sup>

Coutinho trabalhou por dois meses na revista *Realidade* e em seguida ingressou no *Jornal do Brasil* como copidesque, como relata Carlos Alberto Mattos na biografia *Sete faces de Eduardo Coutinho*: “Foi nesse período que floresceu a breve passagem de Coutinho pela crítica cinematográfica. De agosto de 1973 a dezembro de 1974, escreveu cerca de 40 artigos, entre resenhas, comentários informativos e até perfis biográficos de astros de Hollywood. Todos sobre filmes estrangeiros, com a solitária exceção de um texto intitulado ‘As riquezas do subdesenvolvimento’.”

De forte personalidade, os comentários e análises do então crítico e resenhista são marcados pela agudeza, inteligência, bom e – por que não? – mal humor que Coutinho deixaria registrado em tantas entrevistas, debates e aparições públicas. “Lembrando a pior época de Hollywood, *O fim de Sheila* [1973] reúne a futilidade à amoralidade mesquinha e inócua”, escreve sobre o filme de Herbert Ross, ao qual chama ainda de “um lamentável desperdício técnico e humano”.<sup>2</sup> Já a animação adaptada dos quadrinhos *Lucky Luke, o destemido* (1971), Coutinho chama de um filme “ingênuo, inofensivo, insípido”,

1. Entrevista concedida em 1977 a José Marinho de Oliveira e reproduzida no livro *Eduardo Coutinho* (2013), com organização de Milton Ohata e edição da Cosac Naify.

2. “As regras do jogo”, texto publicado em 13 de abril de 1974.

em um texto intitulado “Oeste sem graça”.<sup>3</sup> De um longa de Stanley Kramer, diz: “*O poço de ódio* [1973] é um filme insípido e medíocre que, mesmo nos EUA, não deve ter interessado muito a nenhum tipo de público”. E, ainda: “Ganhou a Medalha de Ouro no Festival de Moscou (1973). Pelos seus bons sentimentos e intenções, de que o inferno está cheio.”<sup>4</sup>

Ao mesmo tempo, dos filmes mais inesperados, surgem os comentários mais elogiosos. *O pirata sangrento* (1952), de Robert Siodmak, é um filme de aventura, ligado à tradição da comédia física e das acrobacias. Apresenta o capitão de um navio pirata que, por interesses próprios, decide ajudar a população de uma ilha da América Central em uma revolta anticolonial. No texto “Piratas no picadeiro”,<sup>5</sup> Coutinho sugere que a forma como crítica e historiadores de cinema desvalorizam um filme como esse é parte do mesmo “erro de ótica” que “jamais permitiu colocar em seu justo lugar as grandes obras do musical americano, anteriores à consagração oficial de *Sinfonia de Paris*”. Ainda sobre o filme de Siodmak, Coutinho afirma: “Pede que se deixe de lado

por uma hora e meia a lógica comum e que se acredite pelo menos na metade da história que vai ser contada”. Algo muito próximo do que ele mesmo viria a dizer das histórias que seus entrevistados contam em seus filmes.

Mais do que uma rabugice para fins de memes (ainda não existiam), a produção escrita de Coutinho dessa época aponta para uma série de preocupações de base. Entre elas, a forma como Hollywood e algumas produções europeias apresentavam um cinema de pretensas preocupações sociais. *O direito de amar* (1972), história de amor dirigida por Eric Le Hung e ambientada em um país de governo despótico, é descrito no texto como “uma abstração que torna tanto o amor como a militância política figuras de retórica”,<sup>6</sup> e *Os emigrantes* (1971), de Jan Troell, sobre um conjunto de lavradores empobrecidos que vai da Suécia para os EUA em busca de uma vida melhor, é apontado como “canhestro quando quer ser simples e demagógico quando quer ser denunciador”.<sup>7</sup>

Em um texto sobre *Os milhões de Madigan* (1968), outro filme que o crítico Coutinho

despreza, ele expõe suas preocupações acerca do mercado exibidor brasileiro, que “continua sendo um território aberto à pior produção internacional, que aqui entra livre de razoáveis barreiras alfandegárias, de leis de contingente ou de outras formas de defesa do similar nacional – o filme brasileiro, um intruso em seu próprio mercado. Essa situação colonial de mercado é tão antiga quanto a instalação, após a I Guerra Mundial, do complexo de distribuição-exibição no Brasil, sempre voltado para os interesses do filme importado.”<sup>8</sup> Um debate que segue em voga com as discussões da cota de tela e, agora, da regulamentação do *streaming*.

Nem mesmo o parque exibidor escapa aos comentários. Alguns dos textos terminam com uma resenha da sala de projeção. Sobre o Super Bruni-70, à época um dos mais novos cinemas da Zona Sul do Rio de Janeiro, relata que “o público é agredido por um permanente zumbido cuja intensidade lembra um esquadrão de barulhentos insetos”;<sup>9</sup> do Cinema-1, que descreve como uma “ótima casa [...] especializada e dedicada ao cultivo de um

3. Publicado em 7 de fevereiro de 1974.

4. “Os ingredientes do fracasso”, publicado em 22 de novembro de 1973.z

5. Publicado em 10 de março de 1974.

6. “A luta abstrata”, publicado em 2 de abril de 1974.

7. “As vinhas aguadas”, publicado em 16 de novembro de 1973.

8. “Uma questão de mercado”, publicado em 19 de março de 1974.

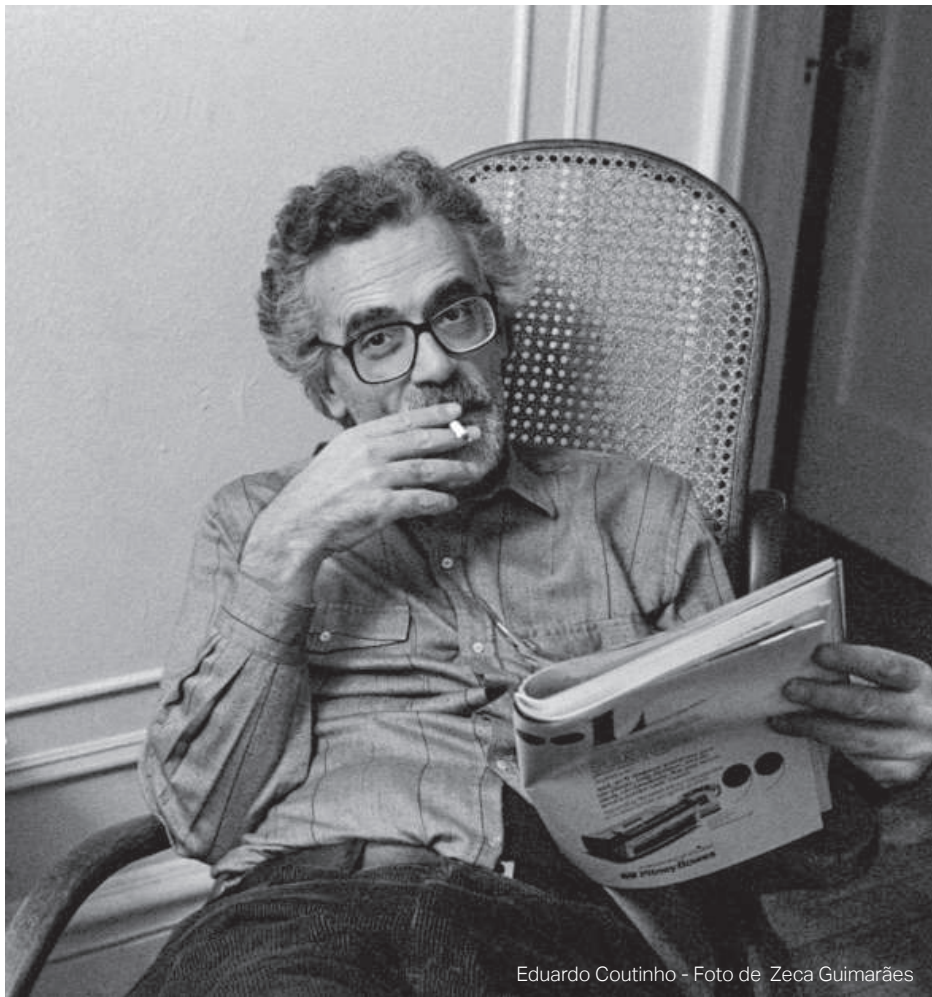
9. Parte de “A luta abstrata”.

cinema mais inteligente”,<sup>10</sup> questiona por que mantém o hábito de fazer um intervalo durante a projeção, parando os filmes ao fim de um rolo qualquer para que os espectadores possam consumir do bar. Tomo ainda a liberdade de reproduzir na íntegra a nota que faz sobre o Cinema Pax:

Seu principal defeito permanente é a luminosidade excessiva da sala. Quanto à projeção, pelo menos na sessão a que assisti – quarta-feira, 22 horas –, foi catastrófica, quase sempre fora de foco. Antes do longa-metragem o público teve de suportar mais um inefável produto das fábricas Jean Manzon, com a mesma grandiloquência propagandística de sempre e o mesmo estilo anacrônico de fotografia, montagem, narração e concepção. Enquanto isso, os curtas-metragens brasileiros, com ou sem certificado de classificação especial, continuam mofando nas prateleiras.<sup>11</sup>

10. “O outro lado do tédio”, publicado em 28 de março de 1974.

11. “Os monstros”, publicado em 18 de maio de 1974.



Eduardo Coutinho - Foto de Zeca Guimarães



## Crepúsculo

“A melancolia do crepúsculo”, um dos primeiros textos desse período, publicado na edição de 29 de agosto de 1973, crava já no parágrafo inicial: “No mundo do cinema, os diretores têm vida relativamente curta e precisam de muita saúde”. Depois de comentar a situação de Chaplin, Buñuel, De Sica e outros, arremata: “Se as condições genéricas do cinema são tão ingratas, é normal que no Brasil as coisas sejam ainda mais duras”. Ainda que, nos seus 40 anos, não pudesse saber disso, Coutinho viria a contrariar essa máxima. Um cineasta que, embora tenha ingressado na carreira no começo dos 20, concluiu o *Cabra*, um de seus mais célebres filmes, aos 51 anos e consolidou o estilo pelo qual ficaria conhecido e que renderia suas mais comentadas obras por volta dos 66, com *Santo forte*. Morto de forma inesperada em fevereiro de 2014, aos 80 anos, Coutinho fez filmes até o fim, mesmo em momentos de saúde fragilizada, adaptando seu modo de filmar às próprias condições físicas, como relatam o biógrafo Carlos Alberto Mattos e diversos colaboradores de produção.

Ao longo da retrospectiva Coutinho 90, que teve início em maio de 2023, quando o diretor completaria 90 anos, e segue até

abril deste ano, o Cinema do IMS exibiu um compilado de diferentes momentos de sua carreira nas melhores cópias de exibição disponíveis: desde o trabalho como roteirista no *Dona Flor e seus dois maridos*, de Bruno Barreto, passando pelos primeiros longas-metragens de ficção, os episódios que dirigiu para o *Globo Repórter*, a produção em vídeo para o CECIP e aquele que talvez seja o conjunto mais conhecido de sua obra, que se consolida a partir de *Santo forte*. A intenção não é exatamente a de fazer uma retrospectiva completa, o que careceria de uma investigação mais aprofundada de filmografia e cópias, como aquela que desempenha atualmente o crítico e pesquisador Fábio Andrade em seu doutorado no Departamento de Estudos Cinematográficos da Universidade de Nova Iorque. O que está em jogo é uma revisão e celebração da obra do diretor, com destaque também para aqueles filmes e momentos menos conhecidos, descentralizando de sua filmografia o conjunto final de filmes em que assina a direção.

Nesse sentido, é inevitável fazer essa parada em um capítulo que, embora não trate de uma produção audiovisual autoral, no mínimo tem algo a nos dizer sobre a forma como via e pensava o cinema.

Nas páginas a seguir, estão reproduzidos dois textos: o já citado “A melancolia

do crepúsculo” permite um vislumbre para o Coutinho crítico de cinema do *Jornal do Brasil*. Essa produção foi compilada em 2013 no livro *Eduardo Coutinho*, organizado por Milton Ohata e editado pela Cosac Naify. Meramente a título de informação, fazemos em nota de rodapé algumas erratas acerca de datas e idade dos diretores mencionados. Durante a leitura, fique à vontade para pular essas correções sem prejuízo. Em geral, trata-se de um ano a mais ou menos, o que em nada afeta a compreensão. O jornalismo pede tempos apressados, e não havia ainda um Google para checagem rápida.

O segundo texto é uma lista de referências cinematográficas publicada no jornal *O Globo* em novembro de 2007, e aponta para as preferências e impressões do Coutinho espectador. Dessa lista, exibimos no IMS Paulista e no IMS Poços o filme-diário, um monumento evanescente, *Ao caminhar entrei lampejos de beleza*, de Jonas Mekas.

De todo modo, não há por que se prender a esses esquematismos. Todo espectador é um crítico em potencial, e todo crítico é também espectador. Além de um dos maiores cineastas brasileiros, Eduardo Coutinho foi um interessante exemplo desses dois papéis.

# A melancolia do crepúsculo<sup>1</sup>

Eduardo Coutinho

As notícias de que Charles Spencer Chaplin (84 anos) prepara-se para voltar ao cinema indicam que o grande comediante se defronta com o maior desafio de sua vida. Trinta e dois anos depois de abandonar a pele de Carlitos, sete anos depois de seu último filme – o frustrado *A condessa de Hong Kong* –, ele está cansado e retirado do mundo em sua *villa* suíça. No mundo do cinema, os diretores têm vida relativamente curta e precisam de muita saúde – como comprovam a recente operação de Vittorio De Sica, a enfermidade gástrica de Luis Buñuel – o mais brilhante dos septuagenários – e a semiaposentadoria de quase todos os grandes mestres do cinema americano.

– Tudo que me resta fazer é suportar do melhor modo possível minha velhice e agradecer a Deus. Eu não sou mais capaz de fazer muita coisa. E os dias são longos. Frequentemente, adormeço sentado. Às vezes, através da janela, admiro a paisagem, as montanhas. É muito bonito, repousante. E é exatamente disso que eu preciso atualmente.

Essas declarações de Chaplin numa entrevista de dezembro de 1972 – com as palavras ditas muito lentamente e emitidas depois de muitos momentos de reflexão – indicam como lhe será difícil retomar sua

atividade atrás das câmaras, sete anos depois do fracasso de *A condessa de Hong Kong*. Em sua mansão de Vevey, na Suíça, ele tem passado – aparentemente – os últimos meses envolvido por uma só atividade: compor músicas para seus clássicos do cinema mudo, que, paulatinamente reexibidos em todo o mundo, conquistam a nova geração, que só o conhecia pelos curtas-metragens mutilados vistos na TV.

O mito de Carlitos-Chaplin – que permanece – e seus milhões poderão facilitar seu eventual retorno à roda-viva dos estúdios. Seria um caso possivelmente inédito na história do cinema, que registra a aposentadoria dos octogenários e da maioria dos septuagenários e mesmo o declínio criativo – ou comercial – de ilustres sexagenários. De fato, a máquina do cinema, com suas implicações financeiras e burocráticas, acrescidas do desgaste vital de dirigir uma equipe de técnicos e artistas no estafante trabalho de filmagem, é impiedosa com os que envelhecem. E os produtores temem empregar seu capital num filme que pode ser interrompido por um enfarte do realizador (como é o caso atual de De Sica e seu produtor Carlo Ponti).

Desde o seu testamento cinematográfico – *Luzes da ribalta*, em 1952, quando Calvero-Carlitos comenta com digna resignação a “melancolia do crepúsculo” –, Chaplin

1. Originalmente publicado em *Jornal do Brasil*, 29 de agosto de 1973.

realizou apenas *Um rei em Nova York*, em 1957, e *A condessa de Hong Kong*, em 1966. Os dois mostraram o artista tentando insistentemente manter o contato com o público, mas só conseguindo quando o traço autobiográfico se infiltrava na ficção e lhe dava uma verdade de outro tipo.

O anúncio da volta de Chaplin pode então ser considerado, senão um rebate falso, ao menos uma tentativa que provavelmente não se consumará. Se isso acontecer, ele continuará a exercer sua criatividade na música – essa arte tão compassiva em relação a seus praticantes – como na pintura – que lhes dá uma segunda juventude negada aos cineastas, caso muito frequente, mas que pode ser resumido nos trabalhos de velhice do falecido Stravinsky e na peregrinação incansável do recordista Pablo Casals, com 92 anos.<sup>2</sup>

Para quase todos os grandes diretores em declínio, não restarão o consolo da música nem os prazeres de um padrão de vida requintado. No máximo, poderão entregar-se aos *hobbies* que caracterizam o ritmo de vida de tantos aposentados. É o caso de William Wyler (70 anos) e George

Stevens (69 anos),<sup>3</sup> cansados e relativamente desinteressados de novos projetos. Alfred Hitchcock (74) provou com *Frenesi*, seu último filme, recém-exibido no Rio, que o apelo artístico e comercial de suas formas fascinantes resiste à passagem dos anos; mesmo assim, é provável que agora só dirija filmes de tempos em tempos, escolhendo cuidadosamente o argumento.

George Cukor, 74 anos, famoso pela sofisticação de sua *mise-en-scène* e pelo trabalho de direção de atrizes (*À meia luz*, *A costela de Adão*, *Nasce uma estrela*, *My Fair Lady*<sup>4</sup>) é um dos que não se resignam à inatividade. Retirado do cinema há alguns anos, ele hoje percorre os estúdios e os escritórios de produtores em busca de uma chance, como um jovem ambicioso atraído pelas luzes da Broadway. Em seu desemprego, sua figura é o símbolo patético de um homem velho e fatigado, mas que ainda quer – e possivelmente sabe – criar.

Dos grandes diretores de Hollywood, daqueles que começaram ainda no silencioso, Howard Hawks é talvez o mais

resistente. Aos 77 anos – sua estreia foi em 1926, com *The Road to Glory*<sup>5</sup> –, ele tem se mantido em atividade, embora espaçada: em 1966, realizou *El Dorado* e, em 1971, *Rio Lobo* – dois *westerns* que não lhe acrescentam muito à glória, mas que não desmentem suas virtudes. Nesse fenômeno de permanência, talvez não seja estranha a escolha do gênero: na verdade, o *western* sobrevive a todos os modismos e reafirma sua simplicidade quase imutável desde os primórdios do cinema americano. Numa entrevista em 1971, Hawks dizia:

– A ação deve ser surpreendente e lógica. Não há *western* novo porque não há argumento novo. [...] Um cineasta deve contar histórias simples e verdadeiras, a vida, o amor, a morte. O *western* me parece particularmente apto a preencher essas condições. [...] A capacidade de absorção desse gênero pelas massas parece inesgotável.

Foi também nas pradarias do Oeste americano, percorridas por pioneiros, índios, militares, caçadores de búfalos, que John Ford construiu um estilo e criou um mundo reconhecíveis à distância – por isso o adjetivo *fordiano* entrou no vocabulário de críticos e cinéfilos, definindo

2. Pablo Casals morreu em outubro de 1973, 2 meses após a publicação deste texto, aos 97 anos. (n.d.e.)

3. À época da publicação, William Wyler tinha 71 anos e George Stevens, 68. (n.d.e.)

4. Cujo título em português foi *Minha bela dama*. (n.d.e.)

5. Título em português: *Espelhos d'alma*. (n.d.e.)

tendências e gerando polêmicas. Aos 78 anos,<sup>6</sup> surdo (como Buñuel), cego de um olho e usando um tapa-olho à Moshe Dayan (como Raoul Walsh e Fritz Lang, dois octogênários), ele recebeu em abril deste ano a mais alta condecoração civil do governo americano. Durante a cerimônia, no hotel Beverly Hilton, Ford – numa cadeira de rodas – e Nixon trocaram gentilezas, enquanto Jane Fonda, na rua, organizava protestos contra o presidente – Nixon chamou-o de um dos “gênios do cinema”, e Ford lembrou que, ao ver os prisioneiros americanos chegando de volta do Vietnã, exclamou: “Deus abençoe Nixon”.

Mesmo sendo o mais famoso diretor americano vivo, Ford está inativo desde 1966, quando fez *Sete mulheres*, de medíocres resultados. Em 1964, dirigiu na Irlanda, sua terra natal, *Young Cassidy*,<sup>7</sup> mas teve de abandonar as filmagens antes do fim para ser operado, e o trabalho foi terminado por Jack Cardiff. Embora seja possível que volte a filmar – os projetos não faltam –, tudo indica que seu canto de cisne tenha sido *Crepúsculo de uma raça*

(*Cheyenne Autumn*), de 1964, exibido no Festival Internacional de Cinema do Rio de Janeiro no ano seguinte.

Mas certamente o único realizador que conseguiu manter a qualidade e o frescor de sua arte, de acentos sempre contemporâneos, é o espanhol Luis Buñuel, quase tão resistente quanto seus conterrâneos Picasso, Miró e Casals. Ele completa 73 anos em plena forma. Com seu último filme – *O discreto charme da burguesia*, a ser exibido proximamente no Rio –, ele não só ganhou o Oscar para a melhor produção estrangeira – que não foi receber – e o prêmio da Associação Nacional dos Críticos Americanos como registrou um grande sucesso de público e crítica.

Surdo há muitos anos – o que não lhe tira a jovialidade e lhe permite ser *mais surdo* quando encontra pessoas que não lhe interessam –, Buñuel mantém desde sua estreia, com os explosivos *Un Chien andalou* e *L'Âge d'or*<sup>8</sup> (1930), uma linha de coerência estética e temática exemplar, embora a iconoclastia do início tenha cedido o passo a uma crueldade mais sutil. Mas também ele não está isento dos

achques da velhice neste mês. Segundo notícias do México, Buñuel teria desistido de realizar *O fantasma da liberdade*, filme em projeto que deveria dirigir para o mesmo produtor de *O discreto charme*. Motivo: uma enfermidade gástrica, sem maior gravidade, tanto que, ao mesmo tempo, o diretor espanhol declarava-se decidido a só filmar, no futuro, suas ideias, e não mais adaptar argumentos de outros autores.

Internado num hospital para a extração de um quisto pulmonar, segundo alguns, ou de uma má-formação benigna, segundo sua esposa, Vittorio De Sica (72 anos), em seu leito de enfermo, tem esperanças de que o produtor Carlo Ponti aguarde seu restabelecimento para começar as filmagens de *Il Viaggio*,<sup>9</sup> com Sophia Loren e Richard Burton. Famoso por seus filmes neorrealistas a partir de *Vítimas da tormenta* (1946), ator em mais de 150 filmes, De Sica mostrou-se em decadência nos últimos 20 anos, e só recentemente voltou a ser considerado pela crítica com *O jardim dos Finzi-Contini* (1971), que lhe deu mais um Oscar.

6. À época da publicação, John Ford tinha 79 anos. (n.d.e.)

7. Em português: *O rebelde sonhador*. (n.d.e.)

8. Em português: *Um cão andaluz* e *A idade do ouro*. (n.d.e.)

9. O filme seria lançado em 1974. O título adotado no Brasil foi *A viagem proibida*. (n.d.e.)

Entre os cineastas que se aproximam da marca perigosa dos 70 anos, destacam-se nomes como John Huston, Billy Wilder e Luchino Visconti, todos com 66 anos.<sup>10</sup> Ainda em atividade, é inegável que seus últimos filmes não têm o vigor de suas obras de maturidade, como *O tesouro de Sierra Madre*, *Crepúsculo dos deuses* e *A terra treme*.

Se as condições genéricas do cinema são tão ingratas, é normal que no Brasil as coisas sejam ainda mais duras. De nossos diretores vivos que ultrapassaram a faixa crítica, Cavalcanti (76 anos) reside na Europa e se dedica a escrever suas memórias – seu último longa é de 1958 –; Humberto Mauro (76), aposentado e de volta a sua Volta Grande natal, tem um projeto de filmar *A noiva da cidade*, uma velha ideia sua; Luis de Barros, que faz 80 anos ainda este ano, também tem planos de retorno, mas enquanto isso também mergulha no passado para terminar suas memórias. O último dos pioneiros a dirigir um longa-metragem foi Adhemar Gonzaga

(73 anos<sup>11</sup>), com *Salário mínimo*, em 1970. Com uma infraestrutura muito deficiente – praticamente não há estúdios, o que obriga a filmar em cansativas locações –, o cinema brasileiro faria certamente sucumbir muitos dos septuagenários que ainda hoje se exercitam nos estúdios de Hollywood ou Cinecittà.

10. À época John Houston e Billy Wilder já tinham completado 67 anos. (n.d.e.)

11. Adhemar Gonzaga tinha 71 anos quando o texto foi publicado. Faria 72 no mês seguinte. (n.d.e.)

# Filmes - Faróis <sup>1</sup>

Eduardo Coutinho

Filmes, sem faróis. Primeira impressão – choque pós. Em geral, sem revisão (desilusão? ou não). Sem ordem de preferência (ou choque).

1. *Shoah*, de Claude Lanzmann, 1983,<sup>2</sup> quando vi. Diretor de um só filme, provavelmente (que preste). Se julga dono do assunto, Holocausto, impõe regras. Deve ser um chato. Mas o filme é extraordinário. Tudo no presente, sem arquivos. Importância do mecanismo de morte no atacado: problemas de gestão industrial. Nove horas de duração. Sofrimento e recompensa.

2. *A morte de Empédocles*, do (Jean-Marie) Straub (e Danièle Huillet). Visto na Cinemateca do MAM. Som direto, colinas do sul da Itália, atores vestidos a caráter, texto clássico (Hölderlin). Sem voz *off*. Palavras, vento. Tragédia seca, esta sim.

3. *Faces*, (de John) Cassavetes. Visto em 1968. Deslumbramento. Revisto 15 anos depois. Impossível corresponder à primeira impressão, filme recriado na cabeça, impossível. Quando vir pela terceira vez, creio que o filme aguenta e crescerá.

4. *As I Was Moving Ahead Occasionally I Saw Brief Glimpses of Beauty* [Ao caminhar entrevi lampejos de beleza], de Jonas Mekas. Visto em VHS, péssimo estado, em Buenos Aires, há alguns anos. Filme-diário para

acabar com os filmes-diário. Testamento, final do último milênio. Nada acontece. Letreiros. Piano e a voz do Mekas reportando-se ao passado das imagens. Nenhum som direto. Planos de 2, 5 segundos. Câmera não para. Luz e focos pras picas. Dura quase cinco horas, acho – tem que ser visto inteiro, de uma vez – se você aguentar. Tempo que passa, passou.

5. *Onde começa o inferno (Rio Bravo)*, de Howard Hawks. Visto em 1959, por aí. A elegância das pessoas (homens) que andam. Se mexem. Gestos. Andam. Vivem. Uma escarradeira. Cinema clássico, além dele.

Escrito, sem revisão, em 5 minutos. Olivetti, lettera 22

1. Originalmente publicado em *O Globo*, 13 de novembro de 2007.

2. A primeira exibição de *Shoah* data de abril de 1985 (n.d.e.).

1173  
94



*Ao caminhar entrei lampejos de beleza.*  
de Jonas Mekas



### **A viagem de Ernesto e Celestine**

**Ernest et Célestine, le voyage en Charabie**

Julien Chheng, Jean-Christophe Roger | França | 2022, 81', DCP (Bonfilm), cópia dublada em português

Ernesto e Celestine estão viajando de volta ao país de Ernesto para consertar seu violino quebrado. Essa terra exótica é o lar dos melhores músicos do planeta, e a música enche constantemente o ar de alegria. Porém, ao chegarem, os dois heróis descobrem que todas as formas de música foram proibidas há muitos anos.

Ingressos: R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meia).



### **Nahuel e o livro mágico**

**Nahuel y el libro mágico**

Germán Acuña | Chile, Brasil | 2020, 97', DCP (Imovision), cópia dublada em português

Nahuel é um menino introvertido que passa os dias ajudando seu pai, um pescador, na pequena enseada onde viveram toda a vida. A relação deles é fria e distante, pois Nahuel acredita que seu pai está desapontado por ter um filho que morre de medo do mar. Um dia, Nahuel encontra o *Levistério*, um livro mágico que pode ser a solução para seu problema. O que ele não sabia é que o livro é objeto de desejo de um ambicioso feiticeiro, que vai fazer de tudo para conquistá-lo das mãos do menino. Isso marca o início de uma fantástica aventura, que levará Nahuel, por um arquipélago, às profundezas de seus próprios medos e a importantes amizades.

Ingressos: R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meia).



### **Anatomia de uma queda**

**Anatomie d'une chute**

Justine Triet | França | 2023, 152', DCP (Diamond Films)

Sandra, Samuel e seu filho Daniel, uma criança de 11 anos com deficiência visual, vivem há um ano em uma casa isolada nos Alpes. Um dia, Samuel é encontrado morto ao pé da casa. A investigação concluiu se tratar de uma morte suspeita: é impossível saber ao certo se ele tirou a própria vida ou se foi assassinado. Sandra, a viúva, é a principal suspeita, e Daniel, o filho, a principal testemunha.

“O que realmente estava no centro do filme – e o principal atrativo para mim – era falar sobre um casal: mostrar duas pessoas que vivem juntas e compartilham suas vidas com uma criança e também a estrutura da família nuclear”, comenta Triet em entrevista ao blog Film Comment. “O julgamento e a acusação da personagem feminina são um pretexto para explorar o que está em jogo entre um casal por meio do gênero do filme de tribunal.”



Sobre o trabalho com a atriz Sandra Hüller, a cineasta diz: "A única coisa que Sandra me perguntou sobre o roteiro foi se a personagem era culpada ou inocente. Eu lhe disse que não sabia, mas que queria que ela agisse como se fosse inocente. Foi nossa primeira conversa concreta sobre o filme, e ela ficou irritada com minha resposta. Foi uma situação complicada, pois faltavam apenas dois dias para a filmagem, e ela esperava saber algo sobre sua personagem que eu mesmo não sabia. Ela tem essa maneira fascinante de ser extremamente pragmática. Provavelmente por trabalhar mais com teatro do que com cinema, ela não tem essa atitude que vejo em outros atores, em que eles estão muito atentos às luzes e tudo se desenrola em seu rosto. Sandra é muito física; ela integra seu corpo em qualquer situação. Ela usa seu corpo de uma maneira muito diferente no filme *Zona de interesse*, de Jonathan Glazer, por exemplo."

*Anatomia de uma queda* foi o vencedor da Palma de Ouro, principal prêmio do Festival de Cannes, em 2023.

[Íntegra da entrevista, em inglês: [bit.ly/anatomiaims](https://bit.ly/anatomiaims)]

Ingressos: R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meia).



### **Levante**

Lillah Halla | Brasil, França, Uruguai | 2023, 99', DCP (Vitrine Filmes)

Criado na periferia de São Paulo, o time de vôlei C.Leste é formado por uma maioria de jogadoras LGBTQIAPN+ e está às vésperas de um campeonato decisivo. Uma das principais atletas do time, Sofia, em seus 17 anos, descobre uma gravidez indesejada. Na tentativa de interrompê-la clandestinamente, ela acaba se convertendo em alvo de um grupo fundamentalista decidido a detê-la a qualquer preço. Mas nem Sofia nem as pessoas que a amam e apoiam estão dispostos a se render.

"Levei tanto tempo para fazer esse filme (7 anos), enquanto o mundo e eu estávamos mudando constantemente, que se tornou um verdadeiro desafio manter a história e minha narrativa atualizadas", comenta Halla em depoimento para o *site* da Semana da Crítica. "Nesse sentido, assim como Sofia, eu também me tornei mais forte quando pessoas em quem eu confiava se juntaram à causa."

"Todas as pessoas trazidas para este filme têm uma voz ENORME. Essa foi a família que escolhi. Eu queria que o trabalho tivesse o seu 'brilho', tanto do elenco quanto dos artistas da equipe. Minha função era coreografar tudo isso: eu olhava ao redor do *set* e parecia que estava acontecendo uma *jam session* – todos tocando seus 'instrumentos' – esse é o poder do coletivo e, para mim, isso é nutritivo."

"O nosso ramo é muito centrado na figura do diretor. Embora seja verdade que me matei de trabalhar, nunca foi sozinha. Essa orquestração, para que tantas pessoas tivessem agência, autonomia e voz, precisou de um processo extenso para que eu encontrasse a equipe certa e ajustasse nossa comunicação, para que a mágica pudesse acontecer. É uma construção extensa feita desde o início: não acontece por pura sorte."

*Levante* teve sua *première* mundial em 2023 na Semana da Crítica, no Festival de Cannes, onde recebeu o Prêmio Fipresci. Sofia é interpretada por Ayomi Domenica, filha do *rapper* Mano Brown, e a trilha sonora é assinada por Maria Beraldo, com participações de Badsista e Juçara Marçal.

[Íntegra do depoimento, em inglês: [bit.ly/levanteims](https://bit.ly/levanteims)]

Ingressos: R\$ 15 (inteira) e R\$ 7,50 (meia).



## Propriedade

Daniel Bandeira | Brasil | 2022, 101', DCP (Vitrine Filmes)

Para se proteger de uma revolta dos trabalhadores da fazenda de sua família, uma reclusa estilista se enclausura em seu carro blindado. Separados por uma camada impenetrável de vidro, dois universos estão prestes a colidir.

*Propriedade* foi selecionado para a mostra Panorama da Berlinale de 2023. Em entrevista a Camila Gonzatto para o *site* do Instituto Goethe, o diretor Daniel Bandeira comenta a origem do filme e o lugar que a violência ocupa nele: "O filme surgiu como um mero exercício de estilo. Toda a história se concentrava no drama de Teresa tentando sobreviver a uma ameaça externa sem nome nem rosto. Mas com toda a discussão acerca da polarização política que pautou o Brasil dos anos 2010, senti que não era mais possível manter a estrutura unilateral da história. Ao desenvolver também o drama dos trabalhadores fora do carro, vi a oportunidade de falar sobre o caos em que vivem as camadas mais populares e sobre a comunicabi-

lidade que alimenta a luta de classes ao longo da história do Brasil. O isolamento é o motor do nosso colapso enquanto sociedade."

"A violência é o curso natural da incomunicabilidade. Cultivamos com orgulho a imagem de um povo trabalhador e resiliente, mas precarizamos todos os aspectos da vida da classe trabalhadora. Menosprezamos seus desejos e suas revoltas. Então, caos é o que lhes resta. Meu foco não está tanto na 'revolução armada', que pressupõe uma organização mais complexa, mas no caos primordial, na rachadura que levará ao estouro da barragem. Esse caos me interessa enquanto cidadão e contador de histórias, pois ele pode se transformar em qualquer coisa, expor pessoas, respingar em qualquer um. Mas ele também é fruto de uma construção histórica muito antiga, colonial, na qual nosso 'pacto de cordialidade' sempre atuou para suprimir um contato mais franco entre as classes. Não concordo com a violência, mas não me surpreende quando ela ocasionalmente irrompe."

"A violência rompe o ordinário. É por isso que o cinema a ama – e é por isso que muitos amam o cinema. No entanto, por mais chocante que seja a violência narrativa de *Propriedade*, ela atua para evidenciar a violência histórica. Essa sim, mais insidiosa, dá motivação aos personagens e pode reverberar na experiência pessoal dos espectadores. Usar a violência como um cavalo de Troia é uma das possibilidades que mais me atraí no cinema de gênero."

A estreia de *Propriedade* faz parte do projeto Sessão Vitrine Petrobras.

[Íntegra da entrevista: [bit.ly/propriedadeims](https://bit.ly/propriedadeims)]

Ingrossos: R\$ 15 (inteira) e R\$ 7,50 (meia).



## Monster Kaibutsu

Hirokazu Kore-eda | Japão | 2023, 126', DCP (Imovision)

Saori, mãe solteira, sente que há algo errado quando seu filho, Minato, começa a se comportar de maneira estranha. Ao descobrir que um professor pode ser o responsável por essa mudança, ela vai até a escola exigindo saber o que está acontecendo, mas ninguém parece ter uma resposta satisfatória. A situação se torna cada vez menos nebulosa conforme outros pontos de vista vêm à tona.

"Com este filme e enquanto o dirigia, meu pensamento era mais sobre a aparência da vítima e do perpetrador", comenta Koreeda. "Por exemplo, com os dois meninos, a certa altura, um é o perpetrador e o outro é a vítima, e, com a mãe, ela se torna a perpetradora, ela é a vítima, mas depois ela se torna a perpetradora em relação à escola, que é então a vítima. Portanto, era sempre esse tipo de mudança entre vítima e perpetrador o tempo todo. Para mim, foi importante dirigi-lo de uma forma

que permitisse que esse tipo de relação mutável entre vítima e agressor surgisse.”

Mais recente longa-metragem do premiado diretor Hirokazu Kore-eda, *Monster* recebeu o prêmio de Melhor Roteiro e a Queer Palm do Festival de Cannes em 2023. O filme tem roteiro do dramaturgo Yuji Sakamoto e trilha sonora do músico Ryuichi Sakamoto.

Este foi o último trabalho original para o cinema de Ryuichi Sakamoto, que faleceu em março de 2023. Koreeda conta que, se o músico não pudesse compor para o filme, preferiria seguir sem trilha alguma: “Devido à sua condição física, eu não tinha certeza do quanto ele poderia fazer. Mas quando o abordei sobre a música, ele disse que tinha algumas melodias que lhe vieram à mente e que ele achava que poderiam se encaixar, então ele me enviou uma carta dizendo que poderia pelo menos compor essas duas melodias. E isso foi muito honroso para mim. Eu realmente apreciei isso. Eu estava muito preocupado porque ele havia me dito que lançaria um álbum chamado *12* como sua última composição e, se não conseguisse terminar [as músicas para o filme], me disse para usar o álbum. Mas, no final, ele fez duas músicas [especificamente para o longa] e me deixou usar a música de *12*, e então ele pôde ver, pelo menos em termos de música, o que tínhamos usado no filme. Então foi um final muito satisfatório.”

[Depoimentos de Koreeda, em inglês, extraídos de: [bit.ly/monsterims1](https://bit.ly/monsterims1) e [bit.ly/monsterims2](https://bit.ly/monsterims2)]

Ingressos: R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meia).

## Homenagem a Kirk Douglas



### **Spartacus**

Stanley Kubrick | EUA | 1960, 197', DCP (Park Circus)

O rebelde trácio Spartacus, nascido e criado como escravizado na decadente República Romana, é vendido ao treinador de gladiadores Batiatus. Depois de semanas sendo treinado para matar na arena, Spartacus se volta contra seus donos e lidera a rebelião dos outros escravizados.

Em março de 2020, em decorrência da pandemia de covid, o IMS Poços fechou as portas. Na ocasião, acontecia na sala de vídeo do centro cultural uma retrospectiva de trabalhos do ator Kirk Douglas. Reaberto em janeiro de 2024 após uma série de reformas e modificações, a retrospectiva interrompida finalmente chega ao fim com a exibição do épico de Stanley Kubrick que tem Douglas como protagonista.

*Spartacus* foi vencedor do Oscar em 1961 nas categorias de Melhor Fotografia, Figurino, Direção de Arte e Ator Coadjuvante para Peter Ustinov.

Ingressos: R\$ 10 (inteira) e R\$ 5 (meia).

## Coutinho 90

Em 1984, Eduardo Coutinho marcou a história do cinema de não ficção com o lançamento de *Cabra marcado para morrer*. Por onde passou, tensionou os limites da representação e do assim chamado “documentário”: dirigindo episódios históricos do *Globo Repórter*, na produção em vídeo junto ao CECIP e na formulação de um “cinema do encontro” bastante único a partir de *Santo forte*. Em 11 de maio de 2023, Coutinho completaria 90 anos. Como homenagem, o Cinema do IMS exhibe, desde então, uma seleção de obras do cineasta.

Em homenagem aos 40 anos do lançamento do *Cabra marcado para morrer*, o IMS Poços exhibe as duas sequências realizadas pelo diretor em 2013: *Sobreviventes da Galileia* e *A família de Elizabeth Teixeira*. Nesses dois filmes comissionados pelo IMS, os últimos finalizados em vida pelo cineasta, Coutinho retorna aos personagens do *Cabra*.

Apontamos também para Coutinho enquanto crítico e espectador de cinema. Além de republicar um dos textos escritos pelo cineasta para o *Jornal do Brasil*, o Cinema do IMS exhibe *Ao caminhar entrevi lampejos de beleza*, uma das obras apontadas pelo diretor como um filme-farol.

Ingressos: R\$ 10 (inteira) e R\$ 5 (meia).



### **A família de Elizabeth Teixeira**

Eduardo Coutinho | Brasil | 2014, 65', arquivo digital (Acervo IMS)

Cinquenta anos depois da ficção interrompida pelo golpe militar, em março de 1964, um reencontro com Elizabeth Teixeira e seus filhos.

Filme produzido especialmente como complemento da edição de *Cabra marcado para morrer* da coleção DVD | IMS. Na ocasião do lançamento do DVD, José Carlos Avellar escreveu para o Blog do IMS: "Eu sou morta desde a idade de oito anos'.

Cortada da imagem em que existe, a frase não transmite seu real sentido. Dor extrema. Na essência mesmo da pessoa. Modo de ser. Viver morta desde os oito anos. No filme, a fala transmite uma dor diferente, não menos intensa talvez, mas de outra natureza. Depois do filme, a radicalidade da afirmação retorna, independente, como condição trágica. Nada define melhor *A família de Elizabeth Teixeira*: uma das personagens que nos conta a história está morta desde a idade de oito anos.

De um certo modo, o filme se serve de um mecanismo semelhante ao usado na formulação

dessa frase. Avança noutra direção, no contra-campo do comentário de Marta, mas guiado por uma semelhante máquina de viajar no tempo, de existir no presente sem sair do passado: como a personagem, cuja vida está marcada pelo fato de ter morrido aos oito anos, o filme está marcado pelo fato de *Cabra marcado para morrer* ter voltado à vida há 30 anos, depois de um perverso estado de coma induzido pelo regime militar entre 1964 e 1984."

A família de Elizabeth Teixeira será exibido junto ao filme *Sobreviventes da Galileia*, de Eduardo Coutinho.

[Íntegra do texto em: [bit.ly/cabraims](http://bit.ly/cabraims)]



### **Sobreviventes da Galileia**

Eduardo Coutinho | Brasil | 2014, 27', arquivo digital (Acervo IMS)

Em janeiro de 2013, Eduardo Coutinho vai a Pernambuco para reencontrar dois dos personagens de *Cabra marcado para morrer* (1964-1984): Cícero e João José (o Dão da Galileia).

Na ocasião da morte do diretor, o crítico José Carlos Avellar escreveu para o Blog do IMS:

"Terminada a conversa, os amigos se despedem com um abraço.

A amizade nasceu do cinema. João José, em 1964, então um menino, guardou o livro esquecido quando o Exército invadiu a Galileia e interrompeu as filmagens de *Cabra marcado para morrer*. Guardou porque a história do livro era como a da gente do filme. O abraço do filme é como o de todos nós.

Coutinho filmou João José em janeiro de 1981 e voltou a visitá-lo, em janeiro de 2013, para um novo filme, *Sobreviventes da Galileia*. O abraço apertado e silencioso na despedida resume o sen-

timento comum a todos os que participaram de seus filmes como personagens ou como espectadores diante das lições de vida reveladas pelo seu cinema.

É a última cena do último filme de Eduardo Coutinho.”

*Sobreviventes da Galileia* será exibido junto ao filme *A família de Elizabeth Teixeira*, de Eduardo Coutinho.

[“Despedida”, texto de José Carlos Avellar, disponível em: [bit.ly/cabraims2](http://bit.ly/cabraims2)]



## ***Ao caminhar entrevi lampejos de beleza***

***As I Was Moving Ahead Occasionally I Saw Brief Glimpses of Beauty***

Jonas Mekas | EUA | 2000, 288', DCP (Jonas Mekas Films)

“Meus diários de filmagem de 1970 a 1999. Abrangem meu casamento, os filhos nascem e você os vê crescendo. Imagens da vida cotidiana, fragmentos de felicidade e beleza, viagens à França, Itália, Espanha, Áustria. As estações do ano que passam por Nova York. Amigos, vida doméstica, natureza. Nada de extraordinário, nada de especial, coisas que todos nós experimentamos ao longo de nossas vidas. Há muitos intertítulos que refletem meus pensamentos sobre o período. A trilha sonora consiste em músicas e sons gravados principalmente durante o mesmo período em que as imagens foram feitas. As improvisações de piano são de Auguste Varkalis. Às vezes, falo em meu gravador enquanto edito essas imagens, agora à distância do tempo. O filme também é

meu poema de amor por Nova York, seus verões, seus invernos, suas ruas, seus parques. É o filme definitivo do Dogma '95, antes do nascimento do Dogma.” - Jonas Mekas

## **Instituto Moreira Salles**

### **Cinema**

#### **Curador**

Kleber Mendonça Filho

#### **Programadora**

Marcia Vaz

#### **Programador adjunto**

Thiago Gallego

#### **Produtora de programação**

Quesia do Carmo

#### **Assistente de programação**

Lucas Gonçalves de Souza

#### **Projeção**

Fagner Andrades e Gilmar Tavares

## **Revista de Cinema IMS**

### **Produção de textos e edição**

Thiago Gallego e Marcia Vaz

### **Diagramação**

Marcela Souza e Taiane Brito

### **Revisão**

Flávio Cintra do Amaral

## **Os filmes de fevereiro**

O programa do mês tem o apoio da Jonas Mekas Films, das distribuidoras Bonfilm, Diamond Films, Imovision, Park Circus, Vitrine Filmes e do projeto Sessão Vitrine Petrobras.

Agradecemos a Patrícia Mourão de Andrade, Pip Chodorov, Diana Vidrascu e Sandra Escribano Orpez.

## **Venda de ingressos**

Ingressos à venda pelo *site* ingresso.com e na bilheteria do centro cultural, para sessões do mesmo dia.

No ingresso.com, a venda é mensal, e os ingressos são liberados no primeiro dia do mês.

Ingressos e senhas sujeitos à lotação da sala.

Capacidade da sala: 85 lugares.

## **Meia-entrada**

Com apresentação de documentos comprobatórios para professores da rede pública e privada, estudantes, crianças de 3 a 12 anos, pessoas com deficiência, portadores de Identidade Jovem, maiores de 60 anos e titulares do cartão Itaú (crédito ou débito).

## **Devolução de ingressos**

Em casos de cancelamento de sessões por problemas técnicos e por falta de energia elétrica, os ingressos serão devolvidos.

A devolução de entradas adquiridas pelo ingresso.com será feita pelo *site*. Programa sujeito a alterações. Eventuais mudanças serão informadas no *site* ims.com.br e no Instagram @imoreirasalles. Confira as classificações indicativas no *site* do IMS.

**Spartacus**, de Stanley Kubrick  
(EUA | 1960, 197', DCP)



**A viagem de Ernesto e Celestine**  
**(Ernest et Célestine, le voyage en Charabie),**  
**de Julien Chheng, Jean-Christophe Roger**  
(França | 2022, 81', DCP)



Visitação:

**Segunda a sexta, das  
13h às 19h. Sábados  
e domingos, das 9h às  
19h.** Entrada gratuita.

Sessões de cinema:

**Sextas, a partir das 19h.  
Sábados e domingos,  
a partir das 16h.**

A bilheteria encerra  
às 19h.




**IMS**

Rua Teresópolis, 90  
CEP 37701-058  
Cristiano Osório -  
Poços de Caldas  
[ims.pc@ims.com.br](mailto:ims.pc@ims.com.br)

 [ims.com.br](http://ims.com.br)

 [/institutomoreirasalles](https://www.facebook.com/institutomoreirasalles)

 [@imoreirasalles](https://twitter.com/imoreirasalles)

 [@imoreirasalles](https://www.instagram.com/imoreirasalles)

 [/imoreirasalles](https://www.youtube.com/imoreirasalles)

 [/institutomoreirasalles](https://www.tiktok.com/institutomoreirasalles)